

**1º Lugar na Categoria Prosa/Público Externo**  
**Autora: Maria Eduarda Gomes**  
**Escola: Colégio Estadual Professor Jairo Alves Pereira – Eunópolis**

Meu triste fim

Tentando alinhar as orbitas da minha vida, eu caminhei por lugares assustadores, mas as melhores partes ainda me trazem um sorriso bobo. Eu venho do Rio de Janeiro, da favela da Maré, cresci em meio ao caos e agora com uma arma em minha cabeça eu me lembro em detalhes da minha vida.

Desde pequeno eu quis seguir um caminho diferente, ouvi minha mãe implorar todos os dias para não me envolver no movimento. E eu não ia suportar decepcionar ela, nos últimos quatro anos eu descii todo santo dia o morro pra estudar e trabalhar, no fim do dia voltava com medo, mas até hoje nada tinha me acontecido.

Logo hoje! Hoje quando descii o morro, fui trabalhar com sorriso no rosto, por que no fim do expediente, eu iria até a UFRJ, até ontem estava na lista de espera para o curso de direito, e ao que parece alguém havia desistido e me chamaram, uma lágrima escorreu no meu rosto quando li Gustavo Guimarães na lista de convocados.

Quando voltava pra casa, eu não conseguia esconder minha felicidade, dei boa noite para Dona Lúcia da venda, e quando pisquei os olhos senti meu corpo sendo puxado, eles me pegaram. Os homens do Grego me querem desde que meu irmão se tornou o chefe do tráfico no complexo da Maré, o Grego bom ele pra mim é Guilherme.

Há quatro anos eu escolhi fazer faculdade, ser alguém poder proporcionar uma vida melhor para minha mãe. A Dona Ana passou por poucas e boas nos últimos anos, o Guilherme se perdeu nesse mesmo tempo, ele era meu herói e se tornou o motivo dos meus pesadelos, tenho evitado há tanto tempo que nem me lembro do rosto dele.

Quando eu cheguei no 1º ano do ensino médio eu conheci um professor, ele acreditou em mim, ele disse que eu seria o melhor aluno na matéria dele, e no final do ano, me tornei o melhor aluno da escola. No 2º ano eu repeti o feito, e fiquei ainda mais obcecado por notas, por aprender mais, e no 3º eu fui o orador da turma na formatura, então ganhei uma bolsa pra fazer um cursinho, no meio de outros como eu escolhi direito.

Meu irmão apareceu atrás dos capangas, e me abraçou! Como ele ousava? Guilherme disse: “-Senti sua falta maninho.” Dei um sorriso irônico e disse: “-É assim que você me convida para um jantar!” Ele balançou a cabeça e pediu para que seus homens saíssem de lá. Ele olhou nos meus olhos e disse: “-Gusta, essa é sua última chance de entrar pro movimento, você sabe que vai ter uma vida melhor.” Então com nojo dele disse: “-Gui, você tá na caminhada errada, eu vou ser um doutor, vou dar uma vida melhor pra nossa mãe, sai dessa vida irmão.” O Gustavo sorriu em tom de deboche e disse: “- Sai dessa? (risos) depois que se entra não dá pra sair, eu estou bem.”

Quando a gente era criança, eu e o Gui brincávamos sem medo de nada, a gente era feliz, nosso pai ainda era vivo, nossa mãe não se matava de tanto trabalhar, mas em uma troca de tiro de soldados e traficantes, bom nosso pai estava na hora errado no lugar errado, aqui na favela é assim: se correu é culpado, se escondeu também é culpado, e assim várias vidas inocentes se perdem, a do nosso pai foi uma delas, todo dia sinto falta do Seu Josué, mas o Gui sentiu mais, quando descobrimos que o tiro foi de um soldado, algo mudou nele.

Ele estava decidido a vingar nosso pai, e então se perdeu. Ele matou o soldado que matou nosso pai, entrou para movimento, e subiu rápido hoje ele manda em tudo por aqui. Tentou várias vezes me levar para lado dele, mas eu nunca sucumbi, nem mesmo quando de fome eu quase morri, ou quando esperei 36 horas na fila do SUS com minha mãe diabética. O mundo é injusto, pobre nasce para sofrer, mas eu batalhei pra ser melhor, ele escolheu o caminho mais curto.

O mundo julga demais, eu jamais julgaria meu irmão, nosso pai morreu pelas mãos de quem deveria nos proteger, a revolta dele tem sentido, mas ele não é melhor que o soldado, quando ele o matou, se tornou um assassino. O Gui teve uma escolha, assim como eu e você, e na realidade, todos têm um demônio interior, o Gui deixou ser controlado.

No último natal minha mãe me deu um terno completo, com direito até a um sapato social e um relógio lindo, disse que eu me tornaria um homem da lei, me lembro da sensação enquanto meu irmão pega sua arma, eu senti de novo, e por alguns segundos esqueci que vou morrer, e nunca usarei meu terno.

O Guilherme pôs arma na minha cabeça e disse: “-Irmão você vai morrer se continuar morando aqui, descendo e subindo o morro todo dia, indo pra faculdade se dizendo melhor que os homens do movimento.” Abaixando a arma ele disse: “- Eu não consigo te matar eu te amo, mas toma cuidado”

Naquela mesma noite decidi sair com minha mãe. Nós fomos até o bar do Seu Zé, enquanto ríamos da vida, ouvi o sinal que a polícia estava invadindo o morro, meu coração disparou, pois não havia tempo para correr, só podíamos nós esconder, empurrei minha mãe para o lado, e cobri sua cabeça com minhas mãos.

A guiei pelo caminho da nossa casa, e foi quando ouvi os disparos. Senti um gosto amargo em minha boca e a toquei, era sangue, eu tinha sido atingido, meu corpo enrijeceu e soltei minha mãe. Cai ao chão e logo em seguida minha mãe também. Tentei manter meus olhos abertos, mas não conseguia, senti minhas forças se esvaindo e meu corpo finalmente cedeu.

A última coisa que vi foi o corpo de minha mãe estirado ao meu lado.